

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores
ANO XIII, nº 95, junho/julho 2019

Este projeto é realizado com recursos do
Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal

FAC
FUNDO DE APOIO À
CULTURA

Secretaria de
Cultura



GOVERNO DE
BRASÍLIA

OITENTA ANOS DE LITERATURA BRASILEIRA NA BULGÁRIA

Rumen Stoyanov (*)

Em 1938 sai o primeiro livro brasileiro traduzido na Bulgária: *Dona Paula*, contos de Machado de Assis e Arthur Azevedo. Porém olhemos mais para trás. No Rio de Janeiro, em 7 de abril de 1915, a famosa revista *Careta* publica o conto “Sociedade de Temperança”, do livro *Tio Ganiu*, de Aleko Konstantinov, com o qual começa a relação literária direta entre os dois países. E em 1859 o jornal *Tzarigradski vestnik* (Constantinopla) inclui em 18 números a novela curta *Imigração ao Brasil*, dum

escritor alemão não indicado, ela passou por alguma língua estrangeira. A obra marca o início da brasilística búlgara e conta já 160 anos. Nela destacam-se, pelo número e importância das manifestações, as letras e a música. São mais de 110 os livros brasileiros, impressos aqui, entre eles bilíngues, alguns em português e um até em russo.

O arranque em 1938 é seguido por um silêncio de 10 anos que interrompe Jorge Amado: em 1948 o jornal influente *Izgrevev* oferece em 82 números o

romance *Terras do sem-fim*. E ao longo de décadas Amado é o escritor brasileiro mais conhecido entre os búlgaros. Trabalhos seus determinam a nossa ideia da referida literatura sul-americana, se se falava dela, na nossa consciência emergiam páginas e personagens do baiano. Algo mais: os textos de Amado perfilaram em uma medida grande, se não predominante, os escassos conhecimentos búlgaros sobre as letras do subcontinente.

Continuação na página 7

ENÉAS ATHANÁZIO É CONTISTA REGIONAL OU POLÍGRAFO?

Sânzio de Azevedo

Antigamente costumava-se chamar de polígrafo o escritor cuja obra compreendesse vários ramos do conhecimento. E para dar ao menos um exemplo de polígrafo, lembro Medeiros e Albuquerque, o qual, além de poeta ficcionista, escrevia crítica e enveredava pela ciência.

Já o contista regional é aquele em cujas narrativas estão presentes a paisagem e os costumes de sua terra. É o caso, por exemplo, do gaúcho J. Simões Lopes Neto, do mineiro Afonso Arinos e do cearense Gustavo Barroso.

Leiamos um trecho de ficção de Enéas Athanázio: “A meio do campo, no topo de uma colina, a casa pintada de azul tinha aspecto solitário, com os vidros rebrilhando ao sol. Ao lado, um embuzeiro enorme, de folhas verdes e cachos amarelos, espalhava sobre o solo vermelho a raizama grossa a oferecer assento há décadas a quem por ali andasse, já gasta pela fricção de corpos de várias gerações.”

Isso é do conto “São Simão”. Aí temos um trecho dos campos gerais de Santa Catarina, terra do escritor, presente no livro *O Peão Negro*.

Esse foi um texto descritivo. E um narrativo, com movimento? Do livro *Tapete Verde* é esta cena: “Quando o polacão começou a andar, o outro apontou-lhe o revólver para os garrões e sapecou fogo. O tiro repicou nos morros da redondeza, uma língua incandescente se espichou na noite preta. Tartaviando, o grandão ensaiou uma corrida desengonçada pela estrada e as balas, uma a uma, furavam o chão ao seu redor.”

Aí está uma pequena amostra da arte do ficcionista. E o polígrafo? Em pelo menos três livros eu o vejo. Nos *Ensaio Escoteiros* (2010), fala o escritor não só de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir como também de Blaise Cendrars. Interessante é a alusão que faz ao “Sabadoye”, nome dado por Raul Bopp às reuniões de escritores no apartamento de Plínio Doyle, em Ipanema. Devo confessar que fiz parte desse grupo quando estive no Rio de Janeiro cursando Pós-Graduação. Enéas Athanázio cita ainda nomes como os de Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Nereu Corrêa e outros. Nesse livro chega a falar até de problemas como cangaço, com direito a alusões a Lampião e seu bando de facinoras.

Já neste ano de 2018 Enéas Athanázio se firma ainda mais como polígrafo ao publicar *O Contestado*, sobre a guerra que ensanguentou parte de Santa Catarina entre 1912 e 1916, assunto do qual o escritor é profundo conhecedor, e *O Holocausto*, em que discorre sobre o nunca esquecido crime dos nazistas de Hitler contra os judeus. Gabo-me de possuir muitos livros sobre a Segunda Grande Guerra, mas Enéas cita uma infinidade de livros que eu ignorava.

Por tudo o que foi dito, posso responder à pergunta do título deste artigo, dizendo que Enéas Athanázio é contista regional dos maiores que temos tido, e também um respeitável polígrafo.

CARLOS HEITOR CONY (1926-2018)

Ruy Valle

Foi na manhã do dia 5 de janeiro de 2018 que, através a rádio CBN, ouvi a notícia do falecimento do escritor, cronista e jornalista Carlos Heitor Cony devido à falência múltipla dos órgãos.

Já de muitos anos me habituara a ouvir suas inteligentes crônicas transmitidas em rede nacional, abrangendo fatos políticos, artísticos e culturais ocorridos no Brasil e no Mundo.

Em 1964, como editor chefe do matutino carioca *Correio da Manhã*, publicou violentos editoriais contra medidas antidemocráticas que haviam sido tomadas pelos militares, que através um golpe de estado, haviam se apossado do governo do País, sendo o jornal fechado e Cony preso e exilado.

Não sendo um radical de esquerda, Cony não se adaptou por viver em Cuba, Argélia ou então em uma das muitas chamadas repúblicas populares da época. Depois de algum tempo de exílio, retornou ao Brasil, sob censura, para exercer atividades junto a empresa de comunicação do empresário Adolfo Bloch, que não só editava a revista *Manchete*, como uma rede nacional de estações de televisão do mesmo nome. Para a televisão Cony redigiu novelas históricas e de época como *Dona Beja*, *Marquesa dos Santos*, *Carlota Joaquina* e *Kananga do Japão*, de níveis bem mais refinados do que aquelas apresentadas pelas TVs concorrentes.

Continuação na página 3

PARADISO

Danilo Gomes

O título desta crônica não guarda relação com o grandioso romance “Paradiso”, do cubano Lezama Lima (1912-1976). Sobre essa obra, Mário Vargas Llosa afirma tratar-se de “uma das mais ousadas e magistrais aventuras literárias realizadas por um autor do nosso tempo.” A edição brasileira, da Brasiliense, 1987, tem tradução de Josely Biscaia Vianna Baptista. Feito este registro, volto ao jardim, como na bela canção de Cartola. Não propriamente ao jardim, mas ao pequeno paraíso que era a horta da casa do meu tio Celso Motta, em Mariana, MG, numa viagem na máquina do tempo.

A imensa horta era cuidada pela empregada doméstica afrodescendente Maria Lourença e um auxiliar que, por certo, pegava no pesado e ainda rachava lenha. Mas era contemplado com um almoço delicioso, preparado por Maria Lourença: arroz, tutu de feijão, lombo de porco, couve rasgada, farofa e uns torresmos gordos, ditos de barriga...

Lembrei-me daquele meu tempo de menino, quando ia me deslumbrar com os bichos ali criados. Eram coelhos, uma centenária e triste tartaruga, porquinhos-da-índia, patos, perus, marrecos. E até um elegante casal de garças, belas como flamingos. Para não falar de galinhas e suas vastas proles. Inclusive exóticas galinhas d'angola. A passarada cantava nas árvores.

Associei essas lembranças das décadas de 1940 e 1950 a uma frase que li no livro “O poder do jardim”, de Roberto Araújo, em que o autor declara: “Se o paraíso fosse aqui na Terra, para mim seria na varanda da minha casa de campo. Paraíso, para fazer jus a esse título, tem de ficar no meio de um jardim. Isso é mais do que óbvio. Nunca, jamais, em tempo algum, qualquer que fosse a religião, as representações dos paraísos deixaram de ter um mesmo cenário: jardins.”

Já para o grande poeta argentino Jorge Luis Borges o paraíso, na sua imaginação, seria uma espécie de biblioteca. A frase correu mundo.

Cá penso eu que podemos elaborar uma boa simbiose, no caso. Quero dizer, o paraíso (prefiro Paraíso, com P maiúsculo), o Éden, seria uma boa biblioteca no meio de um belo jardim. Jardim com corguim, diria Rubem Braga, poeta e cronista. Para o leitor ler infinitamente, sem can-

saço ou *tedium vitae*, para ler *per saecula saeculorum*. Uma inesgotável, cósmica biblioteca, maior que as de Alexandria, Babilônia ou Pérgamo, maior que as enfocadas no livro “A Biblioteca – Uma História Mundial”, de James W. P. Campbell e fotografias de Will Pryce, Edições SESC São Paulo, 2015, trad. de Thais Rocha.

Aliás, livros e bibliotecas estão intimamente ligados a religiosos e à vida monástica, para ficarmos apenas no mundo ocidental.

Teólogos, santos e estudiosos deixaram livros. A religião e a fé têm tudo a ver com bibliotecas, desde a Antiguidade e, em especial, a Idade Média dos mosteiros de grandes estudiosos.

Santo Agostinho vem logo à baila, com “A Cidade de Deus” e “Confissões”, além do tratado “Da Graça”. E o monge Tomás de Aquino, também santificado, com sua “Suma Teológica”, um livro seminal da escolástica, continuando a patrística.

E São Bento Abade (c. 480-547) deixou sua “Regra”, que vigora até hoje na ordem beneditina. (É um de meus livros de cabeceira.) São Gregório Magno, um beneditino, deixou-nos “Diálogos”. E não se esqueça o muito lido até hoje “Imitação de Cristo”, livro que se atribui ao monge Tomás de Kempis, que li na juventude, na agitada década política de 1960.

O Arcebispo de Gênova Jacopo de Varazze (c. 1229- 1298) escreveu a monumental “Legenda Áurea – Vidas de Santos”. Temos, desse histórico livro, uma primorosa edição em português da Companhia das Letras, capa dura, 1.040 págs., tradução do latim, apresentação e notas do erudito Hilário Franco Júnior, que também fez a deslumbrante seleção iconográfica.

E, por último mas não menos importante, pelo contrário, temos a “Bíblia”, repertório riquíssimo, com “Salmos”, “Provérbios” e todos os livros que compõem o Antigo e o Novo Testamento e que são garantia de fascinante leitura. Ainda recentemente o escritor Pedro Rogério Moreira publicou, em “edição caseira”, uma bela obra intitulada “O Livro de Curiosidades da Bíblia” (Brasília, Tagore Editora, 2017).

Para arrematar esta conversa de livros, bibliotecas, mosteiros, jardins, hortas, bichos e córregos, a frase do grande Marco Túlio Cícero, dito o Pilar de Roma: “Se tiveres biblioteca com jardim, terás tudo.” Ali, creio eu, será o Paraíso. Eternamente.

Soneto do Mês

CISNES

Júlio Salusse



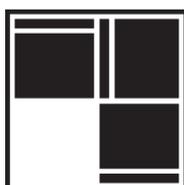
A vida, manso lago azul algumas
Veze, algumas vezes mar fremente,
Tem sido para nós constantemente
Um lago azul sem ondas, sem espumas.

Sobre ele, quando, desfazendo as brumas
Matinais, rompe um sol vermelho e quente,
Nós dois vagamos, indolentemente,
Como dois cisnes de alvacentas plumas.

Um dia um cisne morrerá por certo;
Quando chegar esse momento incerto,
No lago, onde talvez a água se tisne,

Que o cisne vivo, cheio de saudade,
Nunca mais cante, nem sozinho nade,
Nem nade nunca ao lado de outro cisne...

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: ane.df@terra.com.br

29ª DIRETORIA
2019-2021

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente: Roberto Nogueira Ferreira
2º Vice-Presidente: Edmilson Caminha
Secretário-Geral: Sônia Helena
1º Secretário: Jolimar Corrêa Pinto
2º Secretário: Noélia Ribeiro

1º Tesoureiro: Salomão Sousa
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretora de Biblioteca: Gilmar Duarte Rocha
Diretora de Cursos: Kátia Luzia Lima Ferreira
Diretor de Divulgação: Vera Lúcia de Oliveira
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi Aleixo, José Jeronimo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 95 – junho/julho 2019

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e
Fabio de Sousa Coutinho

Programação Visual

Cláudia Gomes

Composição e impressão: Centro Editorial e Multimídia de Brasília.
SIG. Qd. 8 – Lote 2356 – CEP: 70610-480 / Brasília – DF – (61) 3344-3738
www.thesaurus.com.br

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

Continuação da página 1

CARLOS HEITOR CONY

(1926-2018)

Ruy Valle

Devido a ter nascido com um defeito chamado de “língua presa”, na infância não conseguia articular muitas palavras corretamente, daí resultando sofrer “bullying” por parte da maioria de seus companheiros na escola, dela fugindo e se negando a frequentá-la, resultando disso que aos dez anos de idade fosse julgado um semianalfabeto. É então que surge a figura de seu pai, Ernesto Cony Filho, que com dedicação, carinho e amor resolve, pessoalmente, o problema do seu filho, tornando-se seu professor particular, fazendo em sua casa um local adequado para ser a sala de aula, instalando um quadro negro, comprando todo o material necessário: cadernos, livros didáticos, régua e compasso. Estabeleceu horário a ser cumprido religiosamente, pela manhã com as disciplinas componentes do ensino fundamental: redação, gramática, matemática, geografia, História do Brasil e religião. Resultando que, após 6 meses, embora não tendo frequentado escola fundamental, onde era motivo de chacota dos seus companheiros, o aluno particular do Sr. Ernesto não era mais considerado um analfabeto, estando capacitado a se candidatar a um exame de admissão a qualquer curso médio. Devido ao problema da “língua presa” optou por prestar exame para ingressar em um seminário católico, que frequentou brilhantemente, por cerca de 9 anos permanecendo sob orientação de padres, bispos e freis, estudando filosofia, religião, história, latim e, sobretudo, lendo livros, não somente os recomendados pelos seus mestres, como também escondendo, aqueles constantes do “INDEX LIBRORUM PROIBITORUM”. O problema da “língua presa” foi resolvido, cirurgicamente, pelo amigo do seu pai, o prefeito do Rio de Janeiro, o Dr. Pedro Ernesto, que fora cassado em 1936, acusado de comunista. Ao contrário da escola onde o ambiente lhe fora sempre hostil, face às chacotas dos colegas devido à “língua presa”. Em sua casa, o ambiente era de paz, solidariedade e harmonia. Residiam em uma casa com grande quintal na zona norte do Rio de Janeiro, o tranquilo Lins de Vasconcelos, onde, festivamente, nas noites de Santo Antônio e São João, soltavam grandes balões cheios de lanternas, soltando fogos.

Seu pai era redator do matutino *Jornal do Brasil*, lotado na Sala de Imprensa do Governo do Distrito Federal e, periodicamente, recebia convites para espetáculos teatrais, festividades e óperas em temporadas líricas do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Foi nas vésperas da entrada do menino Cony no internato do seminário que seu pai recebeu 3 ingressos para uma apresentação vespertal da ópera de Puccini, *Madame Butterfly*, apesar da dificuldade para os 3 (o pai do menino Cony, sua mãe e o filho, de apenas 10 anos de idade). Ocorre que o pai adorava Puccini acima de qualquer outro compositor lírico, embora não morresse por *Madame Butterfly*, essa era a ópera preferida da mãe do menino Cony. Nas temporadas líricas do Teatro Municipal do Rio de Janeiro os personagens principais eram sempre importados, enquanto os secundários eram feitos por cantores nacionais. Para a apresentação da *Butterfly* daquele dia, os 3 principais, como sempre eram internacionais, enquanto os figurantes mais ou menos importantes eram brasileiros, fazia a *Butterfly* soprano italiana, Pinkerton, tenor italiano e Sharples, barítono americano. O caldo entornou devido às excentricidades do Sr. Ernesto Cony Filho, pai do menino Carlos Heitor. Ele era amigo de um Sr. Chagas que fazia uma diminuta participação na ópera; logo no princípio, ele se apresenta não cantando propriamente, apenas participando da negociação de um casamento, dizendo cinco ou seis versos, isto foi o bastante para o pai do menino Cony ficar em pé, aplaudindo e gritando “bravo” para revolta de toda a plateia.

Foi em 1955 que Carlos Heitor Cony, por ter seu pai sofrido uma isquemia cerebral, substituiu-o na sala de imprensa da sede do governo do Distrito Federal. A partir de então, além da atividade de jornalista do *Jornal do Brasil*, escrevia e publicava romances como: *O Ventre* (1958), *A Verdade de Cada Dia* (1959), *Tijolo de Segurança* (1960), *Informação ao Crucificado* (1961), *Matéria de Memória* (1962), *Antes o Verão* (1964), *Balé Branco* (1965) *Pessach*, *A Travessia* (1967) e *Pilatos* (1973).

Diz Cony, em seu livro *Quase Memória*, publicado em 1995, que ao terminar seu nono romance, (*Pilatos*), em 1973, há mais de 20 anos, prometera a si

mesmo, acontecesse o que acontecesse, aquele seria o último. Nada mais teria a dizer – se é que chegara a dizer alguma coisa. O livro, na realidade, é um ato de admiração de um filho pelo seu pai, não é dedicado a sua mãe, pai, irmão ou a qualquer amigo, como costumam ser todos os livros, mas sim a uma cadela, “MILA”, por ele dita a mais que amada. *Quase Memória* obteve um grande sucesso entre a crítica e o leitor, vendendo mais de quatrocentos mil exemplares, algo inigualável no Brasil. Originalmente “Mila” foi publicada como uma crônica por Cony em a *Folha de São Paulo* e, posteriormente, em 1998, no livro *Os anos mais antigos do passado*. No apaixonante texto, Cony conta como recebeu, de presente, a cadelinha, muito sem jeito, encostando-a no peito para que não caísse; gostou do seu calor, acreditando que ela também. Dias depois, quando abriu os olhinhos, aceitou-o como seu dono.

“Foram 13 anos de chamego e encanto, dormimos muitas noites juntos, as patinhas dela sobre os meus ombros. Formávamos os dois, uma dupla dinâmica, contra as ciladas que se armam contra aqueles que não aceitam os que se amam... Um certo dia olhando-me nos olhos, com seus olhinhos cor de mel, bonita como nunca, mais que amada de todos, deixou que a beijasse chorando, apertei-a com força, sabendo que ela seria maior que a saudade”.

Embora tendo sido aluno de um seminário católico até quase a sua ordenação como sacerdote, se fez jornalista, intelectual, anticlerical, dizendo que cada vez menos acreditava em Deus e em vida após a morte. Porém na pg. 51 do livro *Os anos mais antigos do passado*, na crônica intitulada “Maria”, ele escreve: “Lenda ou realidade, a história daquela menina moça, de 15 ou 16 anos, camponesa ou pastora que ficou prenhe de um Deus, seria uma ficção além da capacidade humana.” Carlos Heitor Cony foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 23 de março de 2000, ocupando a cadeira 3, cujo patrono é Artur de Oliveira, sendo recebido pela Academia em 31 de maio do mesmo ano.

A POESIA DE UM MESTRE(*)

Fabio de Sousa Coutinho

Não posso (e não devo) deixar de registrar que a publicação de poemas de Antonio Carlos Secchin, selecionados por Diego Mendes Sousa, vem à tona no ano em que meu convívio com o autor homenageado completa meio século de fraternidade, admiração, respeito e cuidados recíprocos, como é próprio e típico das amizades verdadeiras e desprovidas de quaisquer outras razões que não sejam as que vêm das profundezas da alma.

Ao longo de 50 anos, a partir de 1969, acompanhei de perto, livro após livro, o processo criativo, invariavelmente ascendente, de uma obra que hoje se situa entre as mais relevantes da lírica brasileira contemporânea. Leitor ávido dos grandes poetas de todos os tempos, Secchin neles buscou a inspiração que, agregada à sua inexcusável competência artística, conduziu à consagração representada pela obtenção de importantes prêmios nacionais atribuídos à dicção poética.

Esta cuidada e primorosa edição da **Penalux**, um autêntico *collector's item*, rende justa e merecida homenagem ao poeta carioca, mas também se presta a reverenciar uma vida inteira de dedicação exemplar à literatura de nosso país e à atividade literária de língua portuguesa, nos diferentes continentes em que é falada. Em maio de 2018, tive a alegria, o prazer e a honra de testemunhar, em Lisboa, o jubiloso

lançamento português de *Desdizer*, ficando evidente, naquela ocasião, o sólido prestígio de que o poeta desfruta em terras de além-mar. Agora, no ano seguinte, somos presenteados com a joia bibliográfica que nos chega às mãos graças à iniciativa e ao empenho de outro poeta brasileiro, vocacionado a trilhar caminhos que reconhecem na obra secchiniana a bússola perfeita para as longas jornadas.

Ainda a propósito do formidável *Desdizer*, recordo um de seus cultos aforismos, aquele em que Antonio Carlos Secchin adverte: “A poesia é igualmente um espaço de sombras, tentativa de perceber o escuro no escuro. Ainda quando a poesia seja noturna, o poeta não deixa de ser um iluminado. Mesmo que, no caso, se possa dizer: um iluminado de sombras.” A leitura desta preciosa antologia confirma, amplamente, o achado aforístico de um escritor de altíssima extração intelectual, um mestre de luzes como poucos se produziram no Brasil, nos últimos 50 anos.

(*) Apresentação do livro *Hálito das Pedras*, antologia poética de Antonio Carlos Secchin, organizada por Diego Mendes Sousa.



A ANE E O UNIVERSO DIGITAL

“Por iniciativa dos associados Kátia Luzia Lima Ferreira e Gilmar Duarte Rocha, nossa casa de escritores publicou, com o apoio da Tagore Editora, seu primeiro livro dedicado a uma vertente rigorosa e irreversivelmente moderna da atividade cultural. Com efeito, ao ingressar no universo do livro eletrônico, a ANE agrega mais uma boa prática a tantas outras que honram e distinguem sua trajetória: a tradição do novo. Contradição apenas aparente, porque a realidade digital, em face de sua assustadora velocidade, já se incorporou às tradições cultuadas na contemporaneidade, tendo chegado por uma estrada de mão única, sem volta.” (Trecho do prefácio de Fabio de Sousa Coutinho para *55+1 celebram 55 anos da ANE*, lançado em 2 de maio de 2019).

Na foto acima, o Presidente da ANE, na companhia de Kátia Luzia Lima Ferreira e Gilmar Duarte Rocha, faz a apresentação do livro digital da ANE, no Auditório Cyro dos Anjos.

TORTURA (TORTURADORES)

Emanuel Medeiros Vieira

“DA NÃO ESCRITA TEORIA DOS SONHOS”

“Os torturadores dormem tranquilos têm sonho cor-de-rosa/os bonachões genocidas a quem já perdoou/a curta memória humana (...)

O sino da memória não desperta fantasmas nem pesadelos/o sino da memória repete a grande absolvição./

Por que o sonho – o refúgio de todos os seres humanos/recusa a sua graça às vítimas da violência/ por que à noite sangram entre lenços limpos/e entram nas suas camas como nas câmaras de torturas/como na cela da morte como na sombra da força/afinal eles também tiveram uma mãe e viram o bosque a clareira a macieira em flor a rosa/quem banuiu tudo isso dos recônditos das almas (...)

Então por que seus rugidos despertam de noite os familiares inocentes/e irrompem mais uma vez numa fuga insana/batendo a cabeça na parede e depois não dormem mais/fitando obtusamente o relógio que nada mudará/o sino da memória repete o grande pavor/o sino da memória imutavelmente soa o alarme/

Deveras é duro confessar que os torturadores venceram as vítimas para toda a eternidade da vida já estão derrotadas/

Assim precisam por si mesmas conciliar-se com este castigo sem culpa/ (...)

Não existe mais o lugar para prestar queixa/vereditos inconcebíveis profere o tribunal dos sonhos”

ZBIGNIEV HERBERT (1924-1998) – considerado um dos principais nomes da literatura polonesa no século 20
Nos trópicos, todos eles (torturadores) dormem ou dormiram tranquilos Ou morreram com lençóis limpos, homenageados por altos hierarcas – sempre reverenciados.

Aqui: a impunidade perpétua reina neste país, onde a escravidão ainda está internalizada e enraizada nos corações e mentes.

Não falo do Chile, do Uruguai, da Argentina. Sempre “conciliamos por cima” e endeuamos o deus “mercado”.

E neste ano (2018), comemoramos os 30 anos da Constituição-Cidadã de 1988.

Em 1979, o governo militar promulgou a Lei de Anistia, que concedeu perdão (indulto) a “militares envolvidos em violações aos direitos humanos anteriores àquela lei”.

De certa forma, foi a completa consagração da impunidade.

A Comissão Nacional da Verdade (CNV) concluiu que detenções ilegais e arbitrárias não constituíram “excessos” ou “abusos”, “mas sim uma política de Estado, com uma cadeia de comando”.

A CNV identificou 434 casos de mortes e desaparecimentos de pessoas sob a responsabilidade do Estado durante o período de 1946-1988, conforme artigo assinado por José Carlos Dias, Maria Rita Kehl, Paulo Sérgio Pinheiro, Pedro Dallari e Rosa Cardoso.

Uma forte onda autoritária – onde alguns partidos neofascistas e neonazistas integram coalizões governamentais – varre a Europa.

E para tristeza (não DESISTÊNCIA) nossa, chegou ao Brasil.

“Esse revisionismo negacionista da ditadura de 1964, constrangedoramente, vai ao encontro desta onda”, afirmam os autores citados.

(Então não me peçam: “deixe de falar sobre temas dolorosos; precisamos esquecer tudo”.)

Parafrazeando Friedrich Nietzsche: *A mim não foi concedido o benefício do esquecimento.*

ADQUIRA NOSSOS LIVROS



ERROS DAS POLÍTICAS DE SEGURANÇA PÚBLICA

Dr. Marcio Junqueira Lisboa
248 páginas



A REDESCOBERTA DO BRASIL

O Barco do Rei
Afonso Ligório
280 páginas



A REVOLUÇÃO DOS PREFEITOS

O Brasil não precisa de estados
Raul Ferraz
176 páginas

ACESSE NOSSO SITE:

WWW.THESAURUS.COM.BR

Frete grátis para todo o Brasil
Ou ligue: (61) 3344-3738

OS VIVOS (Capítulo 19)

Aderbal Jurema

De dentro do casebre escuro vem u'a música suave de violino que se dissolve na noite iluminada.

Já é muito tarde e a lua vai alta. A ilha está com os seus casebres e mocambos fechados. A Central Elétrica, toda iluminada, trabalha. Da fábrica de cimento vem um barulho de terra caindo.

As águas tranquilas da gamboa refletem, nas suas entranhas, o disco brilhante que está no céu. Mas eis que nuvens mais baixas não deixam passar a luz azulada que emana da lua. Os mosquitos e maruins vieram em maior quantidade, e não se sabe de que mundos, e dançam sem parar na claridade de luar, porque as nuvens passaram em busca de terras onde haja sol para elas apascentarem os homens e as coisas com a sua sombra.

Zeferino, todo entregue à sua música predileta, nem se incomoda com as picadas dos mosquitos e maruins e nem se apercebe que a noite já vai alta. Não teve coragem de ir até o quarto da irmã. Depois que o operário se foi, ele entrou em casa e da sala não passou. Queria fazer de conta que a irmã estava dormindo, ali no quarto, mas as palavras do operário ainda soavam nos seus ouvidos e ele sentia a fragilidade dessa suposição. Quando menino era tão fácil fazer de conta isso ou aquilo, mas, hoje, tudo é mais difícil. O mundo dele é de realidades duras e não de faz-de-conta das histórias da Carochina. Quando acendeu o candeeiro viu o violino todo empoeirado, a sua rede armada como que esperando. Cansado e maldormido tantas noites, deitou-se espreguiçando-se lentamente. Mas não conseguiu dormir. Quando fechava os olhos a irmã lhe aparecia como num sonho.

– Perdida!

Pronunciara a palavra sem querer, para depois morder os lábios.

– E agora?

Interrogava-se. E lembrou-se de que na segunda-feira teria de voltar ao trabalho.

Seria aceito?

O novato bem que lhe dissera que não e que amanhã mesmo azulava pro Recife.

E se o novato arranjasse emprego pra ele no Recife, talvez que de lá, mandando buscar a irmã, ela viesse e a vida voltasse a ser como dantes.

Mas...

E de repente resolveu ir com o novato.

Não. Não voltaria para a casa Zuccoli.

O italiano devia recebê-lo mal, assim era melhor ir tentar em outras terras. Recife. Recife é uma grande cidade, lá quem sabe se eu...

E olhou com carinho o violino velho.

Ele caiu em si. Estava sonhando acordado. Tudo não era tão fácil como estava sonhando. E pensava nos aperreios da irmã, o tempo que ela passou desempregada, sem vestidos e sem sapatos. Ela nem podia ajudar, o que ganhava na alfaiataria mal dava para pagar casa e comida. Tudo isso junto, pensava, fizeram que ela escolhesse um caminho mais fácil de ganhar a vida.

Mas a vida dela agora seria mais fácil mesmo?

Já não suportava mais aquela sucessão de ideias e recordações. Sentia que a vida era muito mais áspera do que idealizava. Agarrou o violino e começou a tocar a sua música predileta, quase em surdina. Apagou o candeeiro e, com a casa no escuro, abriu a janela, deixando entrar o luar. Agora, encostado à janela aberta, os seus olhos atravessavam a ilha e iam muito além.

Mas a sua música preferida que sugeria cavalos galopando ao longe depois de um encontro de espadas, recuos, avanços e novos galopes já mais próximos, ia se transformado aos poucos, ficando mais violenta. A música, que se dissolvia na noite iluminada pela lua cheia, dava a

ideia de homens lutando corpo a corpo, mulheres gesticulando e clamando de mãos para o alto. De repente, a música descia ao pianíssimo e ia se tornando suave para, de novo, ressurgir mais violenta, mais heroica, sugerindo combates tremendos. Os últimos acordes eram um imenso coro de milhões de homens saudando o nascer do sol tropical. Transbordantemente festivo, de uma alegria imensa.

O canto de um galo feriu o sono da ilha do Bispo. Era madrugada.

O poeta vinha com o passo incerto. Estivera no cabaré até as três horas. Vira Maria das Dores com as outras mulheres e sentiu todo o desencanto da sua musa. Então, bebeu mais do que nas noites anteriores. Aliás, ele bebia para aparentar gênio boêmio, mas abominava a bebida, da mesma maneira que escrevia sobre elegância, na sua seção social, aparentando um fino conhecedor de figurinos, quando andava metido numas roupas horríveis. Mas, nesta noite, bebeu como nunca havia bebido em sua vida. Pela primeira vez ele sentiu a necessidade de engolir copos sobre copos. Agora vinha sem destino. Chegou à praça Pedro Américo e sentou-se num banco de pedra para não cair. Tentou ler uma revista que trazia debaixo do braço. A luz elétrica de um poste iluminava a página:

Depois de viajar todos os portos,
eu me encontro como uma alga perdida,
vogando sobre o oceano.

O poeta, completamente bêbado, fechou a revista e fez dela travesseiro, estirando-se sobre o banco.

Um gazeteiro passou cantarolando:

É madrugada
de longe eu vim
deixa a lua sossegada
e olha para mim.

As carrocinhas de leite e de pão passavam. Os homens iam tocando a corneta para acordar a freguesia. Sinos, ao longe, chamavam para as primeiras missas.

Indiferente ao amanhecer, o poeta ressonava alto num sono profundo.

Um som de clarim partiu do quartel de polícia, anunciando a alvorada. Da cidade alta vinha o barulho distante dos primeiros bondes. Os postes de iluminação pública se apagaram. O ar se impregnava de um cheiro fresco de terra molhada. Na grama do jardim e nas folhas das árvores brilham gotas da noite. A madrugada vem clareando, avermelhada.

Outro sol vai nascer para os vivos.

DUAS ODES À BORRACHA

Sérgio de Castro Pinto

a flávio tavares e marcos dos anjos

I

a borracha
e sua arquitetura calma
de nuvem, de queijo
ou mesmo de sapo
que flexível ingere
as palavras-inseto
ou riscos incertos
de sobre o papel.

assim como um olho
totalmente fechado
que come os objetos
para dentro guardá-los,
a borracha alimenta-se
do medo e do inexato.

o seu interno
de construções erradas
precisaria
de outras borrachas.

borrachas que solidárias
o interno desta borracha
tornasse limpo e exato
e para isto apagassem
o que nela há de errado.

borrachas que solidárias,
caridosas e beatas
levassem o sol para dentro
desta outra borracha
e dela devorassem
sua construção errada.

II

esta borracha
guarda no seu bojo
os riscos da infância
em desequilíbrio.

esta borracha guarda
minha infância rabiscada:
calungas, casas, coqueiros,
toda infância apagada.

dentro desta borracha
a paisagem certa
de um verão
que o adulto repudiou.

esta borracha
foi nuvem que devorou
a água dos mares, os sóis
e os barcos da infância.

dentro desta borracha
há um outro verão
de sóis quadrados
e mares a(mar)elos.

desejos de externar
os destroços que ela guarda
mas quanto maior o desejo
mais a borracha me apaga
e o que escrevo agora
já é dela, se apagado,
e a borracha devora
um pouco do meu passado.

a borracha
é uma máquina fotográfica
de calungas, números, medos,
palavras e traços inexatos
e eles nela imergem
mas não serão revelados.

tenho ímpetos
de parti-la ao meio
e ver o seu intestino:
mares, barcos, sóis,
o verão e o menino.

NOVOS SÓCIOS DA ANE

(admitidos em 12.3.2019)

Ana Maria Lopes, Antonio Araújo, André Galvão, Basilina Pereira, Claudine Duarte, Divina Maria Pereira, Jackson Domenico, José Carlos Coutinho, Luiz Gutemberg, Luiz Valério, Marcelo Perrone, Márcia Maia, Max Telesca, Paulo Madeira, Pedro Jorge de Castro, Marli Alcântara Presotto, Raimundo Palhano, Ronaldo Costa Fernandes, Taina Zils e Thiago Aguiar de Pádua.

ASSOCIADOS DA ANE FALECIDOS EM 2019

Luiz Carlos de Oliveira Cerqueira e Jacinto Guerra.

A CONCHA

Flávio R. Kothe

Eu minto muito para mim. Tomo mirtazapina e minto. Sem ela, as piores verdades fariam acampamento em mim e ficariam dançando, a noite toda, em torno da fogueira das más lembranças e ao toque dos atabaques das lambanças que fiz, das pancadas que levei. Assumo uma entidade que sou e não sou, sou seu cavalo e não sou. Finjo ser melhor do que sou, finjo que gosto de gente, finjo que me aceito e me quero bem.

Tudo efeito da mirtazapina, meu anjo protetor. Ela apara os fogos que brotam nas entranhas como se houvesse em mim um vulcão, permite que tudo se descarregue em lava e fumaça. Sem ela, mergulho nas trevas, me lasco nas pedras, me enredo nos pelos das pernas, tropeço e caio no abismo do que não sou em mim. Ou que eu talvez mais seja, enquanto procuro soterrar como se não existisse.

Caminho entre pedras e cinzas, paus queimados e troncos fumegantes, mas caminho. Se não caminhar, meus pés serão devorados pelas cinzas quentes, vou naufragar em mim mesma. Só há de restar leves pegadas de mim, que a próxima chuva há de apagar. Talvez meus filhos venham a se lembrar às vezes de mim.

Se eu faço uma aposta numa vida depois da morte? Não. Sei que isso seria apenas fraqueza minha, não vou me vestir com ilusões, mero desejo de me preservar. Não é por se crer em algo que se torna verdade aquilo em que se crê. A única verdade aí é que se crê. Se creio, aquilo se torna real para mim, mas isso ainda não quer dizer que seja verdadeiro.

Um primo meu disse que sentia pena de mim por eu não ter Deus. Senti pena dele, que se deixa enganar por tão pouco. Ele se acha fortalecido na crença, mas é fraco. Prefiro encarar a fraqueza que me faria querer acreditar. Não me torno mais forte construindo um castelo de fantasias sobre o que não tem fundamento. Contra as evidências, ele crê. Vai morrer do mesmo

jeito. Como todo ser vivo morre, e nenhum quer em geral morrer. Inventar-se um deus que se deixe matar não é bom exemplo: na fraqueza de ser torturado e crucificado, um homem pode ter imaginado que salvaria o mundo inteiro, mas na história que conheci vejo que não houve salvação.

Prefiro a vida real: hoje é o dia do meu aniversário. Celebrei estar viva. Tivemos uma longa reunião de serviço e meu segundo marido veio de Brasília ao Rio só para me ver: a reunião foi pretexto. Vi ternura em seus olhos. E desejo. Ficamos vinte e dois anos juntos. Ele é que se separou de mim, mas ele e eu seremos sempre amigos e confidentes.

Fizeram um almoço em minha homenagem. Já estou há quinze anos trabalhando aqui na confederação de transportes terrestres. Meus chefes e colegas gostam de mim e me respeitam. Ao final da tarde, deixei meu ex-marido no aeroporto e vim para o meu apartamento aqui na Ilha do Governador. Foi com afeto que nos despedimos.

Mais uma vez vi ternura e desejo em seus olhos. Quando estávamos casados por vinte anos, ele teve um câncer no pulmão. Teve de operar, se tratou, conseguiu sobreviver, mas o sangue já não circulava nem oxigenava como devia. Tentamos muitas brincadeiras, nada resolveu. Não havia Viagra que resolvesse a falta de circulação sanguínea.

Por muito me amar, ele propôs a separação. Eu não quis aceitar, ele insistiu. Acabei saindo de Brasília e voltei a viver no Rio, de onde agora quero sair. Os três filhos que tive do primeiro casamento moram em diferentes capitais do Nordeste. Vivo sozinha aqui, encaramujada. Sou como uma concha, fechada em mim. Só raramente eu me abro.

O homem certo na hora errada, o homem errado na hora certa. Meu primeiro marido não era o homem certo para mim, eu não era a mulher certa para

ele. Três filhos tivemos antes de reconhecer isso. Divorcamos, fiquei cuidando dos filhos e trabalhando. Anos depois, casei de novo, fiquei mais de vinte anos casada, até que o segundo marido me pediu a separação, por mais que me amasse e desejasse. Foi por muito me amar que pediu para se separar.

Quando me vi sozinha hoje no meu apartamento, fiquei olhando para o azul do mar. Chovia aos baldes, não havia azul no céu. Deitada no sofá, quieta, decidi chorar, e chorei até não mais poder. Coisas de mulher.

Lembrei então de um amigo e amante que tive entre os dois casamentos. Era um homem especial, desses que são difíceis de encontrar, mas ele era muito fechado em si, distante de tudo e de todos. Seria o homem certo, mas a época era errada. Foi perseguido na época da ditadura, em especial por colegas que gostariam de ser como ele e não conseguiriam jamais. Tive de entender que ele fosse embora, sem me levar com ele. Fora do país, ele não saberia como se sustentar, por isso precisei entender que não quisesse partilhar o fardo com ninguém. Ele estava sobrecarregado, e me deixou cheia de mágoa.

Casei com dois homens errados para mim, não casei com o homem certo. Desperdicei a vida em opções erradas, que eu pretendia serem as mais certas quando as tomei. Nem os meus três meninos me restaram, moram hoje todos longe de mim. Estão seguindo suas profissões, se tornaram pessoas boas, decentes.

Se chorei como o céu de hoje, amanhã ele poderá ter recobrado seu anil, mas eu não terei resolvido o que me restou de opções erradas que deveriam ter sido certas. Sou como uma concha que se fecha sobre si, em si, sou discreta nos meus relacionamentos, nada espalho sobre minha vida íntima. Hoje me confesso para uma folha de papel, que é surda e muda, mas me acolhe como a irmã que nunca tive. Chove chuva choverando, minha alma vai lavando, vai levando num barquinho de papel.

NOTRE DAME DE PARIS

Mauro de Albuquerque Madeira

Há dias, li *Notre Dame de Paris*. O livro de Victor Hugo é magnífico. Em francês é melhor ainda. Esmeralda, o corcunda Quasímodo, o terrível padre Claude Frollo, o rei Luís XI, os miseráveis e bandidos de Paris são personagens que nos trazem de volta o clima da Idade Média, no seu final de século XV. A crueldade do sistema judiciário da época, com suas torturas, havia torturador oficial, confissões sob tortura como provas de crimes não cometidos, o pavor religioso das feiticeiras, que existiam na cabeça dos padres e dos julgadores, para serem queimadas ou enforcadas em praça pública, para deleite sádico das multidões ignorantes. A linda Esmeralda e sua cabritinha ensinada teriam de ser enforcadas, eram feiticeiras malditas, condenadas de antemão pelo padre ferozmente apaixonado, aprisionado no seu voto de castidade, mas, ao que ele imaginava, demoniacamente conquistado pela beleza singela de Esmeralda, que dançava na praça em frente da belíssima catedral de Notre Dame. Quasímodo, corcunda, coxo, caolho de um olho só, feíssimo, surdo de tanto comandar os grandes sinos de Notre Dame, fora eleito pela plebe o Papa dos Loucos, desfilara no trono papal das ruas, sem saber, coitado, que papel desempenhava naquele espetáculo público de sadomasoquismo, em que se divertia a massa ignara, perversa, de Paris. No

dia seguinte, sofreu torturas, açoites públicos no pelourinho, em que aquele mesmo povo cruel se divertia com seu sofrimento. Ao final do suplício, morrendo de sede, Quasímodo foi socorrido por Esmeralda, que lhe trouxe água, ante a frieza daquela multidão má, sádica, masoquista, que se divertia com as desgraças de si própria e de qualquer de seus filhos, que fossem torturados publicamente pelas sentenças dos juízes, bispos, padres, cortesãos, carrascos, esbirros dos poderes constituídos. Quasímodo, feio, horroroso, detestado por todos na sua feiura, se apaixonou por Esmeralda. Quando ela foi barbaramente condenada à forca, por feiticeira, feiticeira da beleza, da dança, das artes mágicas da sua cabrita, pela demanda do padre feroz, mediante o julgamento dos supersticiosos juízes da época, o espetáculo público do seu enforcamento, diversão macabra daquela mesma multidão que adorava vê-la dançar e cantar, na praça de Notre Dame, foi ao final interrompido por Quasímodo. Com força, astúcia e paixão, ele arrancou-a do cadafalso no instante final, voou com ela para dentro da igreja e gritou por asilo, asilo. Notre Dame era asilo sagrado de qualquer condenado que conseguisse, no instante final, penetrar nela. Lá ela ficou protegida por ele, contra todos, inclusive contra a libidinosa fúria do padre Frollo, arqui-diácono daquela catedral. Ao final da história, porém, um decreto do parlamento anulou

o asilo. A plebe de mendigos e bandidos da Praça dos Milagres, bairro refúgio de todos eles, resolveu, numa noite, tentar salvar Esmeralda, arrancando-a do asilo de Notre Dame. Prepararam uma grande rebelião plebeia, com paus, pedras, foices, lanças, arcabuzes, e avançaram para Notre Dame. Mas Quasímodo, surdo, isolado, louco de amor por Esmeralda, não entendeu o objetivo daquela multidão de loucos que tentava arrombar as grandes portas da catedral. Pensou que a multidão queria levar Esmeralda para ser enforcada. Ele defendeu-a com todas as suas forças. Jogava pedras do alto da igreja contra a multidão insensata. Matou algumas dezenas, na sua fúria bem intencionada. Avisado o rei da intenção popular contra a grande catedral, mandou tropas, que massacraram a plebe, como era de costume e praxe.

No dia seguinte Esmeralda acabou sendo mesmo enforcada. Pelo costume bárbaro da época, os enforcados eram depois levados a um lugar ermo dos campos, e lá deixados, pendentes, para serem seus corpos comidos pelos corvos e abutres, ficando ao final dependurados os esqueletos, ao vento da pestilência. Quasímodo tinha desaparecido da catedral, que ficou sem o seu sineiro fatídico. Tempos depois, algum curioso encontrou dois esqueletos abraçados tragicamente, naquele campo de desgraças: Esmeralda e Quasímodo, para sempre unidos pelo amor *post mortem*.

OITENTA ANOS DE LITERATURA BRASILEIRA NA BULGÁRIA

Rumen Stoyanov (*)

Hoje a situação está muito diferente. Amado está sendo reeditado, mas um montão de outros nomes ampliaram duma maneira sensível o espaço literário do Brasil para os búlgaros. Pois atualmente abrange romances, contos, novelas, poesias, peças teatrais, crítica, sociologia, política, memórias, desporto. Avaliado do ponto de vista temporal, o autor brasileiro mais antigo, editado aqui, é o padre Antônio Vieira (1608-1697). Ele é o representante principal do barroco naquele país subtropical. E o mais jovem é Carlos Cardoso (1973). O maior narrador de lá, Machado de Assis (1839-1908) está presente três vezes com livros próprios: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, romances, e *Proged*, contos. Entre os nomes

mais célebres devo mencionar Carlos Drummond de Andrade com dois poemários, Lima Barreto com *Triste fim de Policarpo Quaresma* e Walter Campos de Carvalho com *O púcaro búlgaro*, romances. Apesar do escassíssimo lugar para estas linhas, não quero omitir um fato surpreendente: temos vertido ao nosso falar onze peças, elas compõem todo o panorama do teatro latino-americano, fora delas não dispomos de nenhum outro trabalho cênico de outro povo abaixo do Rio Grande.

Investigados bem parcialmente, os tratos culturais búlgaro-brasileiros escondem uma quantidade considerável de surpresas agradáveis, sobretudo nas letras, na música e nas artes plásticas e arquitetura. Um dever nosso é não apenas pesquisar o passado, senão também

enriquecê-los constantemente. As possibilidades contemporâneas de comunicações, que nos facilitam até o incrível, abrem oportunidades favoráveis para desenvolvermos ainda mais amplamente a colaboração bilateral. Confirmando o dito, aparecem novos títulos de criadores brasileiros: O ano de jubileu 2018 deixou três títulos: *Fé e justiça* (Pe. Antônio Vieira), *Na pureza do sacrilégio* (Carlos Cardoso) e *Na sombra do mundo perdido* (Ilko Minev), os frutos mais recentes do intercâmbio literário búlgaro-brasileiro.

(*) Poeta, ensaísta e tradutor búlgaro, Professor *Honoris Causa* da Universidade de Brasília – UnB.

O CAFÉ DE FILA

Elza Zarur

Eurico, lembra do dia em que estávamos aqui em casa, quando a Elvira telefonou toda entusiasmada e disse:

– Elza, a Globo abriu um concurso para que as pessoas possam escrever sobre uma receita que marcou nossa vida. E tem que ser uma receita mineira. Veja só! Mineira!!! Inscreva-se lá, com a do Café de Fila da Tia Pequita. Era tão gostoso e foi tão importante para nós.

Lembra disso, Eurico, lembra?

Na mesma hora corri ao computador e abri o site. Fiquei superfeliz quando percebi que eu não precisaria enviar a receita. Era tudo que eu não tinha. Também, nunca pensamos, dentro daquele interior mineiro (Visconde do Rio Branco, Rio Pombo, Astolfo Dutra, Cataguases), em aprender a fazer o inesquecível café com chocolate, creme de leite fresquinho e raspinhas de canela ralada.

Quando imaginávamos, naquela idade de infância, que tudo de bom que tínhamos poderia acabar ou que, um dia, a querida tia fosse embora para sempre e, com ela, a deliciosa receita do Café de Fila?

Jamais!

A Globo acertou em cheio!

O importante mesmo não era um papel de receita e, sim, a emoção e tudo o mais que ficou gravado, em família, ao redor de um prato. Afinal, foi no meio de xícaras de porcelana branquinhas e no caminhar daquela fila miúda que iniciamos o ritmo de vida que, hoje, se faz história.

E o nosso café começava na Padaria do Acácio que ficava ali, de frente para o jardim da 28 de Setembro, principal local do meu querido Visconde do Rio Branco. Já entrávamos correndo para aquele balcão meio de madeira, meio de vidro, e velho, no centro da padaria.

Era uma geladeira quadrada, baixa, com um motor superbarulhento e várias tampas redondas. De tantas incursões naquela máquina frinha já sabíamos de cor o rumo dos deliciosos picolés que queríamos. O preferido, sempre, era o de coco queimado – e redondo!

Pães de sal fresquinhos, sequilhos, broinhas de Fubá Mimoso, doce de mamão verde ralado e as brevidades que tia Pequita encomendava faziam sempre parte da nossa conta. Conta que ficava pendurada para o final do mês, em respeito ao crédito de anos e anos de vizinhança.

Assim, de embrulhinhos e embrulhinhos de papel de pão amarrados em barbantes, chegávamos ao Sobrado na hora do café – e nada de pressa... Nem podia.

A hierarquia, herdada da rígida educação dos antigos, já fazia parte da cerimônia em todos os sentidos.

Primeiro, os adultos ocupavam a mesa principal – a de toalha de linho branco, impecável! Alvejada com Anil Imperial.

Depois, os “primos-visita”, que vinham do Rio e que, a nós, encantavam tanto que não importavam nem os nomes. Todos eram bem-vindos, mesmo sendo colocados, lógico, à nossa frente.

No final, bem depois de todos, lá atrás, chegava a nossa vez – a das crianças “de casa”.

Você, Eurico, criança sapeca, lindo, feliz e educado, estava sempre ali, na retaguarda da fila para guardar nossos cantinhos e ceder, a todos, a sua vez.

E agora, Eurico, por que mudou os hábitos?

Por que fugiu às antigas regras?

Por que não esperou a sua vez?

Por que furou a nossa fila, nos deixou sem rumo e, eternamente, sem o café?

Saudades.

Elza



ACADEMIA DE LETRAS DO BRASIL – ALB

INSCRIÇÃO

A Academia de Letras do Brasil, em reunião de Diretoria de 16 de abril de 2019, decidiu declarar, nos termos dos arts. 17, parágrafo único, 20, inciso I, 21 e 22 do Regimento Interno, a vacância das seguintes cadeiras:

IV – Aluísio Azevedo; ocupante anterior: Aluísio Valle;

XIV – Mário de Andrade; primeiro ocupante: Joanyr de Oliveira; segundo ocupante: Luiz Carlos de Oliveira Cerqueira;

XV – Tristão de Athayde; ocupante anterior: Affonso Heliodoro dos Santos;

XX – Cornélio Pena; ocupante anterior: Caio Porfírio Carneiro;

XXXIII – Dinah Silveira de Queiroz; ocupante anterior: Cyl Gallindo;

XXXIV – Nelson Rodrigues; ocupante anterior: Márcio Cotrim;

XXXVIII – Breno Accioly; ocupante anterior: Nilto Maciel.

As inscrições serão feitas mediante *e-mail* dirigido ao Presidente, Flávio René Kothe (frkothe@unb.br), ou ao Segundo-Secretário, Anderson Braga Horta (bragahorta@gmail.com ou bragahorta@superig.com.br). Deverão vir acompanhadas de um *curriculum vitae*, com a listagem da produção intelectual, e comprovantes representativos da produção literária do candidato.

O prazo para inscrição se encerrará no dia 31/7/2019.

Brasília, DF, 30 de maio de 2019.

Flávio René Kothe
Presidente

A CAMA, A SALA E O MUNDO

Eduardo Adua

Brincava com o guarda-chuva fechado enquanto atravessava a ponte admirando o vale murado por arranha-céus. Naquele momento, o horizonte transitava entre os rosas e laranjas do fim da tarde de outono. Uma faixa cinza cor poluição delimitava o dia com o início da noite.

Estranhou ser o único a caminhar por lá. Embaixo dele ressoavam buzinas, freios e gritos, ritmados pela mistura melódica dos sons que escapavam do interior dos carros. Estes, trafegavam em uma interminável fila de luzes vermelhas cintilantes que voltavam para o mesmo lugar.

Era estreito o espaço entre o meio fio e o vão, que dava, primeiro para a queda e, depois, para o asfalto. Uma insalubre mureta metropolitana protegia aqueles que por lá passavam. Pixos e lambes lambes rasgados e quase desaparecidos adornavam aquela parede metamórfica.

Ele pensou que um sofá poderia ser posicionado naquela ponte, em direção à calçada e à mureta. Imaginou que seria a sala da casa de um indeciso.

Cada dia, uma cor seria pintada na parede. Cada outro dia, um enfeite novo seria pendurado e um velho dispensado. O conjunto mutável de arranjos contrastaria com a imprevisível imagem que diariamente invadiria as janelas.

Tal sala teria a mesma dinâmica infinita de movimentos sucessivos e em transição do indeciso.

Ele procuraria em todos os cantos e detalhes do mundo novas cores para tingir suas paredes. Misturaria os pigmentos químicos comprados em uma loja qualquer com aqueles que ele mesmo inventaria. Arrancaria punhados de terra, colheria frutas vermelhas e recolheria do solo as folhas que a primavera derrubou. Juntaria tudo na mesma cuia e rasgaria seus fragmentos com as unhas e os amassaria com os dedos.

As linhas das palmas de suas mãos seriam pintadas com a nova tinta, que escorreria entre os pelos dos braços até os cotovelos. E assim, ao fim de cada dia, criaria o que sentiu com o tato e, cuidadosamente, preencheria com a nova cor cada espaço da parede que foi abandonado pelo próprio afeto.

Suavemente, porém com firmeza, acariciaria e sentiria a parede ao despejar novos sentimentos que adquiriu do mundo.

As vezes a parede iria refletir exatamente a mesma luz que o céu. Muitas outras vezes, a percepção do que o fechava ao redor de si não lhe agradaria. A certeza, era de que a espessa parede seria uma mistura de várias camadas do que um dia foi. E apenas ele enxergaria através das tintas que esconderam as tonalidades antigas.

Para o indeciso, a atmosfera que surgiria a cada dia não bastaria com suas paredes repintadas. Era imprescindível que os quadros que lá estavam, e aqueles que ainda chegariam, fossem pendurados entre as planícies das quatro paredes pelas horizontais, verticais, diagonais e transversais.

Cuidaria para que o mosaico estruturado pela vista que surgia da extensa janela nunca fosse coberto. E, a partir dela, admiraria os delicados moveres do mundo, que subitamente se transformariam a cada piscada de reflexão.

Ao seu redor, rodopiaria um carrossel cúbico com movimentos fundidos entre as memórias e imagens, cores e paisagens presentes. O cenário que percorria, era nada mais, nada menos, do que o museu de suas decisões e o templo de suas reflexões. Lá esteve e estaria para apenas estar.

Porém, ele sabia que as paredes enfeitadas, bem como as imagens daquelas telas, só poderiam ser vistas ao descansar no sofá. O que não é possível – pensou o homem –, pois, na correria entre a cama, o sofá e o mundo, não há razão para a sala de estar.

O mundo dava tudo o que era preciso para sobreviver. A partir do mundo ele construía. Plantava e colhia. Caçava e corria. Gritava e ouvia.

O mundo o subsistia.

Muitos dias ao voltar do mundo, caminharia rígido e pesado, com pensamentos exaustos e a cabeça doída. Os sapatos apertariam os dedos. As solas já não mais aguentariam a força com a qual o solo e a gravidade batiam. Os pés clamariam pela nudez, seguida da elevação aos ventos, pois assim se refrescariam.

Nesses dias sobrevividos, a vontade seria acabar logo com aquilo. A maçaneta rapidamente iria girar e com um suspiro atravessaria a sala. Teria apenas forças para se livrar de todo o pano e suor que o cobria. Ele se jogaria de costas, e uma descarga de alívio percorreria todo o corpo assim que fechasse os olhos e tocasse nos mil e duzentos fios de algodão egípcio.

A cama dava espaço e conforto suficientes para sonhar. Precisava se isolar na escuridão de si, sem as cores das indecisões e as luzes do exterior. Tudo se tornava mais claro ao ser outro bem definido em um futuro com caminhos já desbravados, pavimentados e bem frequentados.

Deitado, não precisava do mundo para sobreviver, muito menos de paredes inovadas, quadros continuamente desprendidos e vistas admiráveis.

O mundo que precisaria dele. Ele seria aplaudido por multidões que em coro gritariam seu nome. Inventaria a máquina do tempo, ganharia o Oscar e, ainda, seria um super-herói. Não existiriam dias chuvosos, nem os tons de marrom. Era bom deitar assim.

Às vezes, entre uma conquista e outra, cairia de um precipício ou prédio qualquer. Despertaria com um grito longo e cavernoso. Um arrepio mortal rasgaria vagarosamente a alma.

Mas tudo bem, para ele era tão fácil. Nesses momentos, o cansaço sempre o anestesiava e o conduzia a um instantâneo torpor, que rapidamente trazia uma nova conquista e apagava qualquer decepção.

De vez em quando, ao acordar ensopado para mais um dia frio no mundo, a frenética atividade cerebral o remeteria para que “talvez o bom mesmo fosse um sofá...” – indeciso.

O indeciso desapareceu enquanto a ponte chegava ao fim. O homem ainda brincava com o guarda-chuva fechado.

Com força segurou a alça de madeira e estendeu o objeto ao horizonte. O braço se alongou com o guarda-chuva para fora da ponte. Apontou para o trânsito, os prédios e as luzes que pairavam a cidade.

Caminhou vagarosamente alguns metros daquela forma. Parou. Recolheu o braço e o guarda-chuva.

Inusitado seria se alguém lá embaixo olhasse para cima e enxergasse o objeto flutuando sob a altura. “Como assim?”, pensariam.

Escondido atrás do próprio ombro, virou o pescoço e espiou o percurso que fizera: continuava vazio, ninguém o viu assim. Porém, o sofá ainda repousava no meio da rua. As almofadas estavam cheias e o estofado passado. Parecia confortável, queria voltar e sentar.

Porém, tinha que seguir. A luz da sala se apagava enquanto o fim da ponte trazia o começo do mundo. Este é grande e demoraria para percorrer até mesmo a menor de suas partes. “E o caminho para casa é sempre o mais tortuoso” – era o que repetia, mesmo sem dizer ou pensar tais palavras.

A única coisa que sabia, era que poderia se perder. Na imensidão, não teve opção, além de tornar a própria cama como referência. Todas as suas bússolas para ela apontavam e o campo magnético entre eles tinha a maior das forças.

E assim o homem, todo dia ao despertar, rapidamente atravessaria a sala, para chegar no mundo. Não teria tempo de checar o tempo que a janela da sala informava, nem de reparar as paredes, antes brancas, mofadas. Compenetrado em sobreviver, ia. Vivía pela motivação de atravessar a sala, para voltar a sonhar.

IMPREVISTO DOS INTERVALOS

Salomão Sousa

O que ficou do rosto equivale ao bater da porta que cortou o olhar que fazia existir a brasa do vermelho Quando o outro nem se expunha e nem queria em si a fala do desejo O que acontece também se faz com imprevistos intervalos

O que ficou da correspondência ficou o intervalo de espancar a mosca Atravessar o campo ficou o contorno de desviar do vale que se interpôs como um rio entre o que se vai de uma cidade e o entreposto de tomar o barco

O que se faz para não antecipar a caça tem de contar a trela da guia de cães Antes da marcha em um cavalo há isto de rechaçar e ir ao solo e de energia que se amansa A caminhada é também quando os pés se desencostam/se na estrada são apenas o apoio no intervalo

O que se faz também se faz pelo que intercala Quem é que não tem o cateter a tala de estirar a perna e afirmar que ganhou a guerra se perdida/a bucha de canhão em silêncio no armário do arsenal

O que não ocorre também é intervalo De quando se espera e de quando se cala De quando se retosa e se lava Se fosse o que acontece de uma chuva não é o que cabe na estria da calha é também o vazio entre um pingo e outro



BATISMO DA NOITE

Ézio Pires

A noite chegou sozinha para ser batizada nas águas do Jordão. As suas mãos estão molhadas de surpresa.

Sou irmão da noite. A nossa dor é a dor de todo mundo.

Os nossos irmãos se unem e aumentam as lágrimas que foram rios.

Os mares estão dormindo o primeiro sono.

A minha irmã emudeceu, só Jesus não adormece para ser meu amigo.

Agora bebo trevas para dormir com vida.

VISÕES E VOZES DO RIO(*)

Antonio Carlos Secchin

Saúdo a Mesa, na pessoa do Presidente da Academia Carioca de Letras, o poeta Cláudio Murilo Leal. Agradeço a Silviano Santiago, pelo generoso discurso de saudação. A Ricardo Cravo Albin, em cuja presidência o Grande Prêmio Cidade do Rio de Janeiro foi instituído. Agradeço a todos os eleitores deste importante prêmio, os que votaram em mim e os que votaram nos outros dois ilustres nomes indicados ao pleito, os escritores Alberto Mussa e Edney Silvestre, e a ambos presto homenagem. Saúdo meus pais, Sives e Regy, que, aos 93 anos, fizeram questão de comparecer a esta cerimônia. Agradeço a cada um de vocês pela presença, que muito me eleva, honra e consola.

Minha alocução será breve, e talvez nem devesse dizer isso, pois, dizendo, já estou fazendo com que ela seja ao menos 15 segundos mais longa.

Desenvolvi, em graus diversos, um bom relacionamento com todos os contemplados que me antecederam. Na sequência cronológica das premiações, cito Carlos Heitor Cony, admirável ficcionista e cronista desta cidade, meu confrade na ABL, e que me honrou com a aceitação de proferir aquela que seria sua derradeira palestra na Casa, num ciclo que coordenei em 2015, intitulado “O Rio de Janeiro na literatura”. Seu ceticismo irônico e autoirônico fazia a delícia de ouvintes e leitores. Combatendo com bravura, por muitos anos, uma grave enfermidade, avocava-se, jocosamente, o galardão de “o doente terminal mais antigo do país”. Numa famosa crônica, narrou a perda de sua cadela Mila. Pedi-lhe que me ofertasse esse texto. Respondeu que o imprimiria e o traria em breve. Ousadamente, retruquei que desejava um manuscrito. Titubeou, disse que há anos não escrevia a mão, encerramos a conversa. Na semana seguinte, me entregou a crônica manuscrita, em papel almaço comprado expressamente para a ocasião, e antecedida de afetuosa dedicatória.

Cony sempre declarava que, nas disputas sucessórias da ABL, seria eleitor incondicional de um grande jornalista e biógrafo: Ruy Castro – exatamente o vencedor do Prêmio da ACL no ano seguinte ao de Cony.

Desnecessário salientar a enorme contribuição de Ruy para o resgate da memória desta cidade e de muitas de suas notáveis criaturas, nas mais diversificadas áreas culturais: a dramaturgia, o esporte, a música popular. Ele, aliás, nos promete para breve a publicação de uma obra que vai redimensionar o papel do Rio de Janeiro como o grande polo da modernidade brasileira nas primeiras décadas do século XX, atributo normalmente concedido a São Paulo, em decorrência da quase centenária Semana de 22. Partilhamos, Ruy e eu, o gosto pela redescoberta de livros e de nomes meritórios que tombaram no esquecimento. Estamos atualmente à cata de um romance, *Madame Cosmópolis*, cuja edição teria sido integralmente queimada por decisão paterna, motivando o suicídio do autor, Oswaldo Beresford, dentro de um táxi, na Avenida Viera Souto, em 1924. Mas, conforme sabidamente escreveu o poeta Carlos Drummond de Andrade, “de tudo fica um pouco”: terá sobrevivido algum exemplar? Nosso consolo, até agora, foi localizar algumas páginas do desafortunado Beresford no número 13 da revista *O mundo literário*, de 1923.

O Prêmio da Academia Carioca de Letras não contempla necessariamente autores nascidos no Rio, abarca também os que aqui se radicaram e escreveram sobre a cidade. É o caso do mineiro Ruy Castro, do baiano Antônio Torres, laureado em 2017, e do mineiro

Silviano Santiago, ganhador em 2018. Torres e Silviano foram igualmente contemplados com o “Machado de Assis”, premiação máxima conferida pela Academia Brasileira de Letras.

Antônio Torres consagrou-se com o romance *Essa terra*, de 1976, atualmente em 32ª edição, e publicado em 15 países. Foi publicitário, abandonando uma tranquila e rentável carreira no ramo pelo risco de viver para a literatura. Apaixonado pela cidade, lançou em 1996 *O Centro das nossas desatenções*, um dos 16 títulos de sua vasta bibliografia. Nome requisitado e homenageado em numerosas feiras literárias Brasil adentro, Torres, de quem fui convicto eleitor, honra a ABL, por sua trajetória íntegra e por sua produção de alto nível, e me honra particularmente com sua amizade. Desde que nos conhecemos, há poucos anos, tornamos-nos amigos de infância.

Silviano Santiago foi o primeiro a escrever em jornal sobre este que vos fala. Na década de 1970, em noite de lançamento da obra *O fantasma romântico*, de José Guilherme Merquior, ofertei-lhe exemplar de meu primeiro livro de poemas, de 1973. Semanas depois, publicou matéria sobre alguns livros de jovens poetas, dentre os quais o meu. Anos mais tarde, tive ocasião de escrever resenha sobre a coletânea poética *Cheiro forte* (1995), de Silviano, cuja consagrada e vitoriosa trajetória nos terrenos do ensaio e da ficção, culminando com o premiadíssimo romance *Machado*, de 2016, não deve permitir que nos esqueçamos de sua poesia, gênero no qual estreou em 1960, na coautoria do livro *4 poetas*.

Cabe-me agora o privilégio de inserir-me na linhaagem de tão meritórios ganhadores do Prêmio. No que tange ao aspecto da carioquice, creio, sem falsa modéstia, dispor de algumas credenciais. Nasci nesta cidade, aqui fiz todos meus estudos em estabelecimentos públicos, do primário à pós-graduação. Fui, por quatro décadas, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quase todos os meus livros foram publicados por editoras do Rio, com ênfase para a TOP-BOOKS, de José Mário Pereira.

No que diz respeito a meu universo especificamente literário, avultam os gêneros do ensaísmo e da poesia.

No ensaísmo, estudei obras de vários escritores cariocas, alguns deles integrando o plantel dos esquecidos, ou semiesquecidos, a exemplo dos simbolistas Mário Pederneiras e Gilka Machado.

No campo da poesia, abro parênteses para registrar a contribuição de antologistas que divulgaram os escritores da cidade. Cito, de 1965, a monumental pesquisa de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, em volume de 581 páginas: *Rio de Janeiro em prosa e verso*. Cito Moacyr Félix, que, em 1998 organizou a coletânea *41 poetas do Rio*, com textos, para restringir-me aos confrades da Casa, de Adriano Espínola, Cláudio Murilo e Gilberto Mendonça Teles.

Por fim, na medida em que o Prêmio da ACL contempla o conjunto da obra, transito agora da condição de ensaísta para a de poeta. Em alguns poemas o Rio de Janeiro se fez presente de modo explícito em minha produção. Curiosamente, dois deles estampam perspectivas quase antagônicas. O primeiro efetua um flagrante, em *zoom* minimalista, de uma certa mesa com alimentos numa cozinha de Copacabana em fins da década de 1950. O segundo amplia o foco, numa configuração panorâmica da violência que campeia na cidade nos tempos atuais.

Leio “Paisagem”:

Pela fresta
um naco do verão de Copa
ataca o exército vermelho dos caquis.
Pedaço fino de sol
esgueirado entre esquadrias.
Mandíbulas da fome. A procissão solene
de formigas insones. No mármore
o açúcar Pérola explode em dádiva.
Mosquitos baratos
beijando-se aos pares nos pratos.
Zumbem abelhas vesgas
na mesa onde o abacaxi
oferta sua flor feroz.
Linguiça, preguiça e sábado
ensaboando-se nas mãos.
Boca sôfrega
frente ao sossego do pêssego.
E a paz. Só de leve o nada
um pouco se move.
Brasil, Barata Ribeiro, ano mil
novecentos e cinquenta e nove.

A esse clima distenso e quase letárgico de paz se contrapõe a ambiência pesada do segundo poema, bem mais recente, intitulado “Língua negra, Rio 30 graus”:

Bem longe explode em preto
a pele cósmica de uma estrela,
aqui arde em silêncio
a pele grossa de uma vela.
Negra é a língua que se enreda
para um salto sem saber o que a espera.
Negra, negra língua,
com seu gosto de esgoto e de quimera.
Língua que se desfaz, liquefeita,
na cachaça trôpega dos bares da favela.
Língua que ao pó retorna, heroína
celebrada na veia aberta das vielas.
Passos que galopam para o abismo,
expulsando a pontapés a primavera.
Um fio de luz desmancha o frio.
Anoitece no Rio de Janeiro.

Contra a violência e os pontapés que nos assolam, contra o medo diurno e noturno, conservemos ainda alguma tímida esperança numa primavera que, na contramão do ódio, insistirá em florescer.

Obrigado.

(*) Discurso de agradecimento pela outorga do Prêmio Cidade do Rio de Janeiro (Academia Carioca de Letras, 29.3.2019)

Poema sobre pás

Ronaldo Costa Fernandes

As pás do ventilador nunca se alcançam:
eternamente perseguindo a pá que segue
e fugindo da pá que lhe persegue.
Estou no mundo entre duas pás:
a pá de espírito que não alcanço
e fugindo da pá de cal
que me quer dar descanso.

O HOMEM DE NAZARÉ

Paulo Madeira

Bem sabemos que, para alguns de nós, Jesus Cristo era DIVINO, “deus-feito-homem”, mas, para outros, ele era apenas HUMANO.

As evidências históricas indicam que HUMANO ELE ERA, sim! Se também DIVINO, pode ser, mas não queremos suscitar polêmicas teológicas. Vamos bisbilhotar somente aspectos psicológicos da personalidade do Jesus HUMANO.

No tempo de Jesus, o Império Romano usou sua superioridade tecnológica e militar para espoliar povos mais fracos. Uma de suas imorais ocupações ocorreu na Palestina ao tempo em que lá viveu nosso familiar JESUS CRISTO, com cujas agruras nos solidarizamos. O HOMEM Jesus e seus compatriotas judeus, coitados, deviam viver *engolindo* seus dissabores porque, se os explicitassem, seriam massacrados pelos dominadores.

Agora, vejam só, amigos, que dado EXTRA-VAGANTE, DESCONCERTANTE! Era de se esperar que a história do dito “povo de Deus” fosse mais virtuosa, por narrar feitos dos antepassados do (“divino”?) Jesus. Todavia, o que nos conta a Bíblia Hebraica (que é nosso Velho Testamento) é que, em vez disso, também eles (os pais de Jesus) fizeram dezenas de agressões a vizinhos, como cananeus, filisteus, zebuzus etc. É verdade que fizeram o mesmo, naqueles territórios férteis e bem localizados, também assírios, babilônicos, selêucidas e, por fim, o famigerado Império Romano. Afinal, isso era, então, costumeiro, embora não pareça razoável que também o fizessem os autointitulados “povo escolhido de Deus”.

Mas eles alegavam que tinham divina aprovação para suas ações bélicas, que elas aconteciam por obediência a determinações de seu deus, Javé (Iahweh). E mais: eles proclamavam que só Javé seria DEUS de fato, VERDADEIRO. Todos os outros, dos demais povos, seriam deuses apenas imaginados, mas não existentes como Javé. E assim, com esse notório etnocentrismo, eles RACIONALIZAVAM (mascaravam) os próprios egoísmo e agressões. A *conversa* era que Javé teria destinado aquela região apenas para os israelitas, quando a prometeu ao Patriarca Abraão, que a denominou “Terra Prometida”. Assim, seus soldados tomavam como VERDADES divinas os alegados contatos DIRETOS de seus comandantes com Javé. E seguiam-nos, fanaticamente, em seus ataques, “em nome de Deus”, cometendo violências, e, até, atrocidades, e, olhe só, “ordenadas por Ele”. Há disso várias citações no Velho Testamento. E, algumas, de *arrepiar...*, pela insensibilidade.

Vê-se, assim, que o *soi disant* “povo escolhido de Deus” só era nisso diferente de outros pelas desculpas que davam. Enquanto isso, os Romanos, sem pruridos éticos, adotaram cínica e abertamente como diretriz política a opressão e a usurpação de recursos alheios, para custear seu extravagante *way of life*, seus excessos, suas incursões bélicas, suas construções de engenharia avançada etc.

Assim sendo, urgia que **alguém** desse um basta nisso. Mas, quem? **Talvez, Jesus**. Afinal, além de líder, ele era também vítima, vivendo humilhado, coagido a servir aos invasores em sua Judeia ocupada.

Vamos, então, agora abstrair a CRENÇA de que Jesus era DIVINO, e vamos considerar a hipótese de que ele fosse apenas um simples mortal, um HUMANO. Fazendo isso, vamos avaliar quais seriam suas vivências de pessoa comum. Seriam de felicidades pela presença dos romanos invasores e opressores de seu povo? Por certo que não.

A doutrina dita cristã, posterior a Cristo, que já havia morrido, INVENTOU a versão de que sua morte, como ocorreu, sofrendo horrivelmente, era o preço a pagar PARA NOS REDIMIR, NOS SALVAR...

Neste caso, os carrascos romanos que crucificaram Jesus teriam sido, ao fazê-lo, instrumentos de Deus? *Estó-*

ria esquisita esta. Mas que explicaria as pacientes, estoicas e passivas atitudes de Jesus durante o seu calvário. *Explicações* teológicas... As psicológicas, seriam **outras...** Por exemplo, que a psiquê HUMANA (e o Jesus HUMANO teria a sua), em situações adversas, lança mão de específicos recursos mentais-psicológicos, “mecanismos” para aliviar frustrações, sofrimentos, humilhações etc. E mais, que, entre esses artificiosos recursos mentais mitigadores de sofrimentos, é muito comum a *fuga* para FANTASIAS. Através delas, a pessoa *cria*, na imaginação, cenários favoráveis (fictícios) para poder melhor suportar realidades indesejáveis, penosas etc.

Terá sido uma FANTASIA que levou Jesus, o HOMEM, enquanto estava sendo submetido ao seu calvário, a *sonhar* e a contar com o “Senhor-dos-Exércitos”, Javé? Para a Psicologia, é bem possível que sim. Afinal, ele ACREDITAVA na ajuda militar Dele, e isso levaria seu calvário a resultado BEM DIFERENTE e, até, FANTÁSTICO! Bem o contrário do que lhe estava acontecendo.

Se Jesus era apenas um HOMEM, não um “deus-feito-homem”, esta hipótese, ele *sonhar* com isso, é uma hipótese tecnicamente explicável. Afinal, ele, por certo, queria vencer os romanos, como vários outros sediciosos antes dele quiseram e tentaram. Só que nenhum logrou o êxito (bélico) almejado. E foram todos massacrados. Por isso, agora **era crucial que Jesus não tivesse o mesmo destino**.

Então, podemos aventar que, ante a impossibilidade material, militar, Jesus tenha procurado PENSAR, a rigor, FANTASIAR algo DIFERENTE. Alguma estratégia **QUE FOSSE EFICAZ**. Mas, haveria alguma? Qual? Vejamos: Jesus, pressionado pelo que dele se esperava, pode ter procurado dar “tratos à bola” para “bolar” UMA AÇÃO DIGNA DE JAVÉ, isto é, uma ação QUE NÃO FRACASSASSE...

Mas, qual AÇÃO? O HUMANO Jesus pode, simplesmente, ter fantasiado, mais que isso, pode ter DELIRADO, ao rememorar as *estórias* de seus antepassados. De fato, contam as Escrituras que eles costumavam receber ajudas milagrosas (DECISIVAS) de Javé. Exemplos: As muralhas de Jericó, Josué e o sol parado, a abertura do Mar Vermelho etc.

E Jesus, carregando sua pesada cruz, já alquebrado, imerso naquelas suas memórias, ia sofrendo o seu calvário. E aí, eis que ele pode ter pensado que esse problema não seria intransponível, se ele, Jesus, também pudesse contar com a ajuda militar MILAGROSA do “Senhor dos Exércitos”.

Para entendermos o que poderia estar se passando na mente do Jesus HUMANO, continuemos com a Psicologia. Ela confirmaria que, em casos como aquele, é possível o sujeito (no caso, Jesus) imaginar, vislumbrar que a saída poderia estar *visível*. Mas, onde? Qual? Ah, no caso dele, naquelas *estórias* dos seus antepassados distantes, quando, em várias ocasiões, elas foram nada menos que FANTÁSTICAS...

Ora, ora, fantásticas! Tudo o que Jesus estava precisando naquele momento.

Algo FANTÁSTICO. E ele ainda deve ter lembrado algo mais, algo IMPORTANTÍSSIMO! O quê? Que seus antepassados, quando contavam com Javé, **NO FINAL, SEMPRE SE SAÍAM BEM...** Isso mesmo. Como relata a Bíblia Hebraica, eles recebiam, sempre que importante, providencial e oportuna ajuda de Javé. E aí a Psicologia diria mais que, possivelmente a mente (a psiquê) de Jesus pode ter *trabalhado*, isto é, pode ter tido um salvador *insight*, a saber: que ele também poderia ter sucesso, se pleiteasse aquela ajuda extraordinária e heterodoxa do “Senhor dos Exércitos”. Portanto, pelos antecedentes, **TINHA QUE DAR CERTO...** Javé não decepcionaria.

Ou seja, tudo parece indicar que aconteceu na mente do Jesus HUMANO um daqueles fenômenos psicológicos (bem humanos), no caso, uma baita FANTASIA. Qual? Aquela que ele mesmo teria elaborado, em sua humana imaginação, ao compenetrar-se de que poderia (e deveria) ASSUMIR O PAPEL DE MESSIAS, e entrar em Jerusalém “montado em um jumentinho”, encenando aquela profecia de Isaías...

E, de novo a Psicologia, não por irreverência, mas de ofício, cogitaria que o Jesus HUMANO bem que poderia estar *embarcando* (paranoicamente?), na fantasiosa e voluntarista suposição de que já era tempo, e **ELE TINHA TUDO** para ser encarregado de **incorporar** o Messias prometido a seu povo, que já não estava aguentando mais...

O Messias viria MILAGROSO, sim, e isto é fundamental, já que, sem milagre, seria IMPOSSÍVEL expulsar (como era preciso) os dominadores romanos. E isto, essa IMPOSSIBILIDADE, é que teria gerado, como “resultante”, o recurso (irrealístico, psicológico) às FANTASIAS... Eis a possível e bem razoável explicação **do por quê** Jesus partiu para a ação (claramente temerária) de afrontar os romanos, sem dispor de forças militares. Qual explicação? Tudo indica que foi a convicção (a crença, ah, as crenças...) de ter uma carta na manga, um trunfo inderrotável (por ser de origem divina), a atuação, na hora “h”, do “Senhor dos Exércitos”. Mas, como a intervenção Dele não aconteceu, DEU NO QUE DEU... Teria sido ingenuidade de Jesus refugiar-se num sonho-fantasia? Veja nosso texto “A PSIQUÊ DE JESUS” e o livro ZELOTA.

DIRETORIA DA ANE PARA O BIÊNIO 2019-2021

(eleita na Assembleia Geral de 25.4.2019)

PRESIDENTE	FABIO DE SOUSA COUTINHO
1º VICE-PRESIDENTE	ROBERTO NOGUEIRA FERREIRA
2º VICE-PRESIDENTE	EDMÍLSON CAMINHA
SECRETÁRIA-GERAL	SÔNIA HELENA
1º SECRETÁRIO	JOLIMAR CORRÊA PINTO
2º SECRETÁRIA	NOÉLIA RIBEIRO
1º TESOUREIRO	SALOMÃO SOUSA
2º TESOUREIRO	ARIOVALDO PEREIRA DE SOUZA
DIRETOR DE BIBLIOTECA	GILMAR DUARTE ROCHA
DIRETORA DE CURSOS	KÁTIA LUZIA LIMA FERREIRA
DIRETORA DE DIVULGAÇÃO	VERA LÚCIA DE OLIVEIRA
DIRETOR DE EDIÇÕES	AFONSO LIGÓRIO

CONSELHO ADMINISTRATIVO E FISCAL

ADIRSON VASCONCELOS, ANDERSON BRAGA HORTA, DANILO GOMES, JOSÉ CARLOS BRANDI ALEIXO, JOSÉ JERONIMO RIVERA, JOSÉ PEIXOTO JÚNIOR, NAPOLEÃO VALADARES.

O AMIGO QUE SE TORNOU QUASE UM PAI

João Carlos Taveira

Conheci Affonso Heliodoro dos Santos, o famoso Coronel Affonso, nos idos dos anos 1980, numa das minhas visitas ao prédio da EBN — Empresa Brasileira de Notícias, que Fernando Collor de Mello fez questão de eliminar junto com o INL e outros órgãos, assim que tomou posse na Presidência da República. Ali no Setor Comercial Sul, bem em frente à antiga Telebrasil, ficava a EBN, onde, à época, minha mulher Maria do Carmo Costa Duarte trabalhava como secretária do advogado Dr. Edilson Borba Santos, chefe do departamento jurídico daquela empresa. Na EBN, de saudosa memória, conheci também o escritor e jornalista Luís Adolfo Pinheiro, com quem mantive fortes laços de amizade e companheirismo até 2005, ano de sua morte aqui em Brasília.

Um pouco antes daquele tempo, Brasília viveira uma eufórica expectativa: o presidente João Batista Figueiredo havia prometido à dona Sarah, na presença do ministro-chefe de Comunicação Social Said Farhat e do Cel. Affonso Heliodoro, que o terreno para a construção do Memorial JK seria no Eixo Monumental, sim, mas que ela aguardasse mais alguns dias para que a notícia pudesse ser oficializada. Assim que tudo ficou acertado, começaram as atribulações e o corre-corre em busca de dinheiro para início das obras, que ficaram a cargo de um pool de construtoras nacionais.

Segundo a revista *Manchete*, em 1979 foi eleita uma diretoria que tinha Sarah Kubitschek como presidente e Adolpho Bloch como vice-presidente. Essa diretoria, responsável pela campanha “**Você constrói o Memorial JK**”, vai às ruas pedir contribuições para serem depositadas em mais de 20 agências bancárias em nome do Memorial JK, que foi erguido em Brasília, com a ajuda providencial de amigos e admiradores. O projeto foi assinado por Oscar Niemeyer. E a inauguração se deu em 12 de setembro de 1981, em homenagem ao ex-presidente Juscelino Kubitschek, fundador da cidade e um dos maiores governantes que a República já deu ao Brasil. Mas, depois de pronto e inaugurado, o Memorial JK foi objeto de duras críticas de setores conservadores, que viam no monumento referência a um dos símbolos do comunismo, por simples capricho do arquiteto carioca: *a foice e o martelo*. Mas tudo isso, hoje, faz parte do passado. O Memorial JK é considerado uma das maravilhas arquitetônicas de Brasília, ao lado da Catedral Metropolitana, do Palácio do Itamaraty, do Supremo Tribunal Federal, entre muitos outros.

Já na década dos anos 1990, o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, presidido por Adirson Vasconcelos, tinha como vice-presidente Affonso Heliodoro, então diretor cultural do Memorial JK, que o havia demitido por capricho de dona Sarah — ela nunca o perdoou por sua amizade incondicional a Juscelino e subitamente encontrou uma razão para demiti-lo sem muito alarde. Só que ele, abatido e frustrado com a decisão repentina da viúva do ex-presidente, entrou num processo de depressão profunda. Não queria sair de casa nem ver ninguém, e já não queria mais tirar o pijama de dormir. Visitei-o muitas vezes nesse estado, tentando reconfortá-lo e trazê-lo de volta à vida agitada e participativa de que ele tanto se orgulhava.

Numa bela tarde de 1996, em casa do confrade e ex-presidente do IHGDF Fernando Tamanini, houve uma reunião com o administrador do Lago Sul Abdon Henrique, para tratar de assuntos correlatos àquele bairro nobre. Ali, encontro-me com Adirson Vasconcelos e narro a ele alguns episódios da história recente do amigo queri-

do Affonso Heliodoro. Ele imediatamente teve uma ideia. Já que o seu mandato no IHGDF estava terminando, que tal lançar o nome de Affonso Heliodoro para sucedê-lo na presidência? Isso poderia ajudar o grande guerreiro a voltar às atividades e esquecer o ocorrido. Encarreguei-me da nobre missão. E saí dali imediatamente e, poucas quadras à frente, cheguei à casa do Coronel Affonso. E devo dizer: consegui levá-lo para a referida reunião com o administrador, com certa dificuldade. Mas, a partir de então, tudo começou a mudar. Na semana seguinte, houve Assembleia-Geral no Instituto para eleição da nova diretoria e a chapa, encabeçada pelo Cel. Affonso, foi eleita e empossada por unanimidade e aclamação dos presentes.

O amigo e conterrâneo de JK era realmente uma avassaladora máquina em organização e criatividade. Afinal, não à toa, tinha sido o fiel guardador e fiscal das 30 metas do governo Kubitschek, que acompanhou com mão de ferro e coração de seda. O Instituto mudou e dinamizou-se a olhos vistos. Novos projetos foram sendo apresentados e novos sócios foram chegando e tomando posse em suas cadeiras. O quadro, antes composto de 40 cadeiras, triplicou as vagas e passou a ter 120. Mas a vida acadêmica fez muito bem ao Coronel Affonso, que remoçou, e a Brasília também, que viu uma de suas instituições mais antigas tornar-se ponto de encontro obrigatório para todos aqueles que amam a história e a geografia, e principalmente a arte da oratória. Ali foram promovidos encontros e palestras os mais ricos e variados de que se tem notícia. Uma simples reunião do Conbrás ou na biblioteca era motivo de festa. Tanto que Coronel Affonso permaneceu à frente da diretoria por mais de vinte anos, realizando um trabalho profícuo e salutar em benefício da consolidação e do crescimento de nossa instituição, que hoje muito se orgulha de tê-lo como presidente perpétuo.

Mas, voltando ao início dos anos 1990, falemos do escritor Affonso Heliodoro dos Santos. Sabedor de suas anotações e do seu gosto pela literatura, comecei por incentivá-lo a publicar um livro e aquilo o ajudou de certa forma a se interessar por outras coisas, além de comer, dormir e cuidar do instituto, e esquecer de vez o afastamento do Memorial. O livro *JK — Exemplo e Desafio* é de 1991, editado pela Thesaurus, de Victor Alegria. A partir dali, muitos outros, de vários gêneros, vieram à luz. Alguns pela Editora Verano, de Alarico Otonni Ramos Verano, e outros pela própria Thesaurus Editora. Desses vários livros publicados, estive sempre ao lado dele em praticamente todas as edições, seja organizando e revisando textos, escrevendo prefácios e orelhas das dobras de capa.

Também estive ao seu lado e de sua família, com minha ex-mulher Aglaia Souza, quando Mônica, a neta de Sãozita e Affonso Heliodoro, casou-se na Catedral Metropolitana de Brasília, e, entre outros, fui seu padrinho de casamento, numa festa que marcou data na capital da República e se realizou com a merecida pompa no Clube Naval de Brasília. Depois, quando Mônica se separou do primeiro marido, oficializei o seu segundo casamento civil na casa do Lago Sul, na QI 19, em uma cerimônia simples, mas marcada pelo ineditismo das circunstâncias e pelo poder que me foi conferido por Deus e por Affonso Heliodoro dos Santos — esse gigante entre os gigantes do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, a quem o filho de dona Dolores serviu com honra e glória por mais de quarenta anos. E, hoje, já está fazendo falta entre nós.

ENFIM, SÓS!

Vera Lúcia de Oliveira

Casar é fácil. Difícil é ficar casado. Pelo menos é o que nos diz o livro *Separação* (Mossoró, RN: Ed. Sarau das Letras, 2017), de Cláuder Arcanjo, cujos contos, encantadores, fazem o leitor se divertir com as mais inusitadas situações a que estão sujeitos o homem e a mulher, depois do terrível “sim” perante o padre...

O autor é grande observador do drama do casamento, com suas peculiaridades, motivo desse livro cheio de graça, lembrando as operetas cômicas do século 19, que faziam tanto sucesso pela leveza, refinamento, malícia, bom humor e bom gosto. Em *Separação*, há uma verdadeira “guerra dos sexos”: os homens, na maioria das vezes, acomodados na rotina de um casamento já sem graça, enquanto as mulheres — sempre elas — esperneando para salvaguardar a união, e evitar, assim, o desfecho doloroso e indesejado: a separação. Mas quase sempre elas perdem a luta. Não adianta lingerie nova, perfume francês, cabelo bonito pra ele despentear, jantazinho à luz de vela; nada funciona ante a brutalidade do fato: a emoção acabou! E por coincidência, o amor, diz a canção do Cazuza.

Bom psicólogo, Cláuder Arcanjo busca nas entrelinhas do dia a dia o porquê da morte do que fora um dia a razão de viver — aquilo que fez com que dois jovens apaixonados jurassem amor eterno — e, de repente, se tornasse literalmente o seu avesso: ódio ou indiferença. De repente, não. A vida com suas artimanhas, insidiosamente, dá uma rasteira nos casais, que, quando percebem, estão vivendo, comendo, dormindo, de costas um para o outro — como irmãos siameses. O dia a dia faz o resto. E é nesse dia a dia que mora o perigo. Nessa relação simbiótica, que tira o prazer, é que Cláuder faz suas histórias. Há todo tipo de separação, desde a física, acertada ou não na frente do juiz, até aquela da alma em que, mesmo junto, o casal está mais separado do que nunca, pois um ignora a existência do outro, tratando-o como um fantasma invisível, quando não o contrário: um vira objeto da casa como parte inerente dela, uma cadeira, um sofá; e a mulher, nesse caso, torna-se a verdadeira mulher-objeto. E a cama, simbolicamente apresentada nos contos, permanece muitas vezes impecavelmente arrumada, como a denunciar seu não uso amoroso. Sem a desordem do amor, uma cama arrumada é só uma cama.

Em que pese a cama e os jogos de sedução, muitas vezes, a união dos casais das histórias não resiste às futricas da vizinhança, à família que mete o bedelho, à sogra palpiteira. Mas o que é sério e poderia ser um dramalhão, Cláuder torna alegre, divertido e, como observou o crítico Hildeberto Barbosa Filho, ele desconstrói “pelo riso a gravidade do tema da separação”. Sim, o humor é a sua arma: o casal que se separa por incompatibilidade de medos, por excesso de paz, por intriga da oposição, porque o “fogo apagou”. *Et ça va...*

Não poderíamos deixar de mencionar a bela edição do livro. A capa com ilustração de João Hélder, que lembra *A Dança*, de Matisse, ou uma brincadeira de roda em que a mulher oferece a maçã para o homem, evocando a mais antiga das seduções; e ainda o capricho nos detalhes, como esse desenho da capa repetido em forma minúscula em cada página, na arte de Carlos Careca, evidenciando a harmonia entre a embalagem e o produto: tema sério, com leveza de forma. Perfeito.

UNE BRÉSILIENNE!

sôniahelena

Estava em Rotterdam, depois de ter passado por Paris, Londres e Zurich. Viajava a trabalho, em visita a instituições dedicadas a estudos, pesquisas e qualificação profissional no ramo da construção civil. Já havia visitado quatro dessas instituições e estava, no momento, no Bawmcentrum, reconhecido internacionalmente como das melhores instituições dedicadas às questões das edificações, da construção e, também, da operação de guias e guindastes em portos e docas. Luiz Alberto acompanhava-me nessas visitas.

Fazia uma semana que todas as manhãs tomávamos o trem em Haia, descíamos na estação em Rotterdam, atravessávamos a praça, entrávamos no Bawmcentrum e aí passávamos o dia, até o final da tarde quando, novamente, cruzávamos a praça, entrávamos na estação, tomávamos o trem e retornávamos a Haia.

Pouco havíamos visto da capital da Holanda, pois passávamos o dia fora de lá, e nada conhecíamos de Rotterdam, a não ser a praça em frente à estação ferroviária, de um lado, e ao Bawmcentrum, do outro.

Era nosso penúltimo dia na instituição. À hora do almoço, feito ali mesmo, o diretor que nos atendia perguntou-nos o que tínhamos visto em Rotterdam. Ao respondermos que somente a praça em frente à instituição em que estávamos, ele se espantou. E disse:

“Não é possível, não é aceitável que vocês saiam daqui sem conhecer, pelo menos, o porto. Afinal, trata-se do maior porto do mundo. Temos aqui 38 km de cais a serem vistos a partir de um barco que faz o percurso de toda esta extensão. Reprogramaremos nossa tarde de trabalho e vocês sairão daqui às 16 horas, a tempo de pegarem o barco para o tour pelo porto”.

Dito e feito. Ele chamou a sua equipe, reprogramou as atividades previstas para a tarde, transferindo algumas para o dia seguinte e encerramos o trabalho às 16 horas, quando ele nos deixou no cais, bem no ponto onde poderíamos comprar os ingressos para o passeio de barco pelo cais.

Com os ingressos na mão, embarcamos e nos pusemos no convés a observar as coisas no cais, ouvindo as explicações dadas pelo guia turístico. O Luiz Alberto afastou-se um pouco para tirar algumas fotografias e eu fiquei a ver as docas. Do meu lado posicionaram-se duas senhoras idosas, por volta de 70 anos (tinha eu, à época, 30 anos), e começaram a conversar em francês. De repente, uma delas, ao ver uma bandeira hasteada em algum ponto do cais, disse à outra: *– Olhe, uma bandeira francesa!*, ao que a outra retrucou: *– Não é francesa. Deve ser de algum outro país.* A primeira insistiu: *– É francesa. Veja bem, é “bleu, blanc, rouge”.* A segunda senhora disse: *– Sim, é “bleu, blanc, rouge”, mas há alguma coisa errada. A bandeira francesa não é bem assim.* Seguiu-se uma discussão de alguns minutos: *– É francesa! – Não é francesa! – É francesa! – Não é francesa! – É francesa! – Não é francesa!*

Insistiam nisso, quando a primeira senhora, que afirmava ser francesa a bandeira, voltou-se para mim e perguntou, quase como a pedir confirmação: *– Não é francesa aquela bandeira?* Eu lhe respondi: *– Não, senhora, não é francesa. É holandesa.* Insistiu ela: *– Mas ela não é “bleu, blanc, rouge”?* Eu expliquei: *– A bandeira francesa tem as cores “bleu, blanc, rouge” na vertical e esta bandeira, holandesa, tem as cores “rouge, blanc, bleu” na horizontal.*

Com uma ponta de orgulho na voz, por verificar que estava certa, disse à sua companheira: *– Não lhe disse? Eu sabia que não era a bandeira francesa.* A segunda senhora não se deu por vencida: *– E quem garante que ela sabe como são as bandeiras francesa e holandesa?*, já referindo-se a mim. A primeira disse: *– É claro que ela sabe, você não ouviu a explicação clara e precisa? A sua parceira não admitia o equívoco facilmente.* Insistiu: *– A explicação está correta quanto à bandeira francesa, mas não posso garantir o mesmo quanto à holandesa, que não conheço. Ela pode estar enganada.* Disse-lhe a outra, já impaciente: *– Você é teimosa, pois não? Não percebe que ela é francesa, bem informada e está segura quanto às duas bandeiras?* A segunda senhora retorquiu: *– Não vejo nada disso. Ela nem é francesa!* (já era eu e não a bandeira). *– É claro que é francesa, disse a primeira. – É óbvio que não, ela não fala como nós, respondeu a segunda. – É porque ela é de outra região; é mais educada e culta que nós, camponesas.* A segunda senhora não se deixava convencer e continuava duvidando da minha nacionalidade francesa. Eu, até então, só ouvia. A querela seguia: *– É francesa! – Não é francesa! – É francesa! – Não é francesa! – É francesa! – Não é francesa!*

Alguns segundos depois, a primeira senhora pediu a minha confirmação: *– Você não é francesa?* *– Não, respondi, não sou francesa. – Eu não disse, afirmou a outra, toda orgulhosa. – Você é belga? Perguntou-me a primeira. – Não senhora, respondi. Holandesa? – Não senhora. – Monegasca? – Não senhora. – Suíça? – Não senhora. – Canadense? – Também não. – Da Guiana? – Não senhora. Você não é de uma das ex-colônias africanas? – Também não sou. – Se você não é de qualquer um desses países, de onde você é? – A senhora nunca iria imaginar. Sou brasileira.*

Foi como se eu tivesse dito algo absurdo. As duas, de uma só vez, começaram a saltitar junto a mim, uma de cada lado, com o braço levantado e o dedo em riste, apontando para a minha cabeça. E gritaram unisonamente: *– Une brésilienne! Une brésilienne! Une brésilienne!*

Em questões de segundos, quarenta flashes espocaram na minha frente, repetidas vezes. O Luiz Alberto, de longe, observava tudo às gargalhadas. Segundo ele, só faltou o azul para eu me tornar uma das bandeiras tão discutidas; o branco dos cabelos e o vermelho do rosto já garantiam as duas primeiras faixas.

Felizmente, as senhoras perceberam o meu constrangimento e cessaram a algazarra, com pedidos de desculpas; explicaram que não se contiveram porque nunca haviam visto um brasileiro na vida. Todos eles eram do campo, na região de Champagne, onde plantavam uvas e produziam vinho. Turistas não circulavam por seus vinhedos. Eu, com uma pontinha de ironia, lhes disse: *– As senhoras podem ver que não somos muito diferentes das pessoas das outras partes do mundo.*

Na verdade, todo aquele alvoroço lembrou-me filmes da década de 1950, quando o David Niven, com a vestimenta cáqui, própria dos safáris, retornando de alguma caçada, diante de uma lareira sobre a qual havia sempre uma cabeça empalhada de alce, ou de outro animal de mesmo porte, um leopardo estirado a seus pés, rifle na mão, apoiava o pé direito, calçado com botas de cano alto, para uma foto. Naquele dia, durante aqueles minutos, com todos os flashes explodindo, sem qualquer dúvida, eu era o leopardo.

AINDA SOBRE CEGUEIRA

Paulo Castelo Branco

Dia desses fui recebido pelo deputado Felipe Rigoni, recém-eleito para a Câmara Federal pelo PSB do Espírito Santo. Felipe tem 27 anos de idade, começou a carreira política em 2016 como candidato a vereador em Linhares, ES, sua cidade natal; não foi eleito em virtude de sua legenda - PSDB não ter atingido o coeficiente eleitoral.

Nas últimas eleições, migrou para o Partido Socialista Brasileiro e foi eleito como o segundo mais votado no estado.

Felipe é cego desde os 15 anos de idade devido a uma doença degenerativa. Formou-se em engenharia de produção como o melhor aluno da sua turma pela Universidade Federal de Ouro Preto. Possui mestrado em políticas públicas pela Universidade de Oxford. Foi bolsista da Fundação Lemann e Estudar.

O jovem deputado defende a gestão eficiente e inovadora do Estado, e a promoção de igualdades através da educação básica e desenvolvimento sócio-econômico.

Na conversa sobre sua vida pessoal, Felipe demonstra segurança e determinação. É bem-humorado, sorridente e acolhedor. Na política demonstra conhecimento das questões nacionais e desenvolve seus argumentos com clareza e dinamismo.

Na realidade, Felipe Rigoni age como se fosse o jóquei de sobrenome homônimo Luiz Rigoni que alegrou milhares de fãs com suas vitórias. Rigoni, o jóquei, montava seus cavalos equipados com antolhos para que olhassem sempre à frente. A destreza no comando do parceiro valeu-lhe o apelido de “O homem do violino” pela leveza do desempenho dos dois. “Dá-lhe, Rigoni!”, gritava o público.

Felipe, sem antolhos e sem visão, caminha para frente querendo transformar o Brasil e seus cidadãos. Dá exemplo, não sente discriminação, e fala forte e seguro em direção ao futuro. Não usa óculos para disfarçar a cegueira, nem bengala para se orientar. Utiliza tecnologia de ponta, está nas redes sociais e conversa através de mensagens faladas.

É com a história de Felipe que se chega ao episódio de “estica corda” que atingimos no desenrolar do inquérito aberto para investigar ameaças a alguns dos ministros da nossa Suprema Corte.

A retirada da venda de um dos olhos da Justiça não resolveu a questão. Ao contrário, os antolhos colocados não indicam um olhar à frente, mas, sim, a insistência em não se enxergar seus arredores. O confronto de ideias que dominavam os debates se transformou em quase unanimidade contra o inquérito que se instalou.

As frequentes críticas feitas ao ministro Gilmar Mendes, quando da sua recente estada em Portugal, na qual um transeunte, proferindo impropérios em português e inglês, atingem nosso Poder Judiciário e circulam nas redes sociais afetando seus pares que, sequer, estão de acordo com o inquérito, e, ainda, envolvem advogados, procuradores e outros órgãos do judiciário.

É fato que muitos juristas têm se mantido distantes da celeuma; no entanto, nos ambientes restritos, se manifestam horrorizados com a direção tomada pelos dois ministros responsáveis pelo desgaste do nosso judiciário. O silêncio e a omissão nos causam a perda de confiança devotada aos advogados pela população.

É preciso que os líderes do momento tirem as vendas, olhem, enxerguem e retifiquem os erros cometidos diariamente que causam estupor e desesperança aos cidadãos brasileiros. E tem que ser rápido, agindo como o deputado Felipe que galopa em sua montaria chamado Brasil: “Dá-lhe, Rigoni!”